



Universidade: presente!



XXXI SIC

21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

O jogo na aula de francês: uma abordagem enunciativa

Autora: Larissa Colombo Freisleben **Orientadora:** Silvana Silva

Introdução

O trabalho busca investigar o uso de jogos como recursos didáticos em aulas de francês como língua adicional a partir da perspectiva da linguística da enunciação de Émile Benveniste. Propõe-se uma análise enunciativa da aplicação de três aulas com jogos.

Objetivos

Teórico: compreender o jogo enquanto *forma complexa do discurso*

Metodológico: propor uma metodologia de análise da cena enunciativa de cunho etnográfico

Pedagógico: lançar um olhar singular sobre o uso de jogos em aula de língua adicional, privilegiando as relações intersubjetivas. Após a conclusão da pesquisa, os resultados serão apresentados no centro de ensino onde os dados foram coletados.

Justificativa

A justificativa para estudar o jogo vem de um texto pouco explorado de Benveniste (“Le jeu comme structure”), da percepção de seu uso disseminado em aulas de língua adicional e dos estudos de Brougère (1995), que questiona as relações entre jogo e educação. A justificativa para a análise a partir do ponto de vista da linguística vem da constatação de que a linguística da enunciação permite que se analise qualquer fenômeno linguístico, uma vez que é uma teoria que privilegia o sentido que perpassa todos os níveis de análise linguística (Flores 2019). Com base nessa noção, é possível propor análises a partir de categorias enunciativas que permitam um olhar diverso sobre o jogo em relação ao que é produzido por outras áreas do conhecimento.

Metodologia e procedimentos de análise

A metodologia elaborada para análise da cena enunciativa baseia-se especialmente na investigação de Bressan (2010), que elabora uma proposta acerca da *metassemântica*, uma metodologia de análise *translinguística*, a partir da obra de Émile Benveniste, cujos objetos de análise são as formas complexas do discurso. Foram gravadas três aulas de língua francesa (em turmas distintas, mas com a mesma professora) em um cento de ensino de idiomas da cidade de Porto Alegre. Em cada aula foi aplicado um jogo distinto. As fontes consideradas para a análise foram: as observações e os **registros de observação** feitos pela pesquisadora; as **gravações das aulas**, depois **transcritas**, e **questionários** simples preenchidos pelos alunos acerca de sua experiência com a língua francesa e sua percepção acerca das aulas com jogos. A análise, a partir do referencial teórico, foi feita privilegiando a observação das interferências do professor durante a aplicação dos jogos. Propomos, para fins de análise, a existência de pelo menos dois níveis de enunciação: o *nível da fala* e o *nível das intenções pedagógicas*. Para exemplificar nosso procedimento metodológico, segue um dos trechos analisados:

ALUNA 1 (A1): moi nationalité est /brasilí'an/? [repete algumas vezes]

PROFESSORA (P): bresiliénne

A1: brésilienne

P: oui, nacionalidade brasileira

ALUNA 2 (A2): mas a frase toda tá correta?

P: oui, c'est *ma*. “Moi” sou “eu”, “ma” é “minha”. Ma nationalité. Mas tá muito bom! Ou alors tu peux dire “eu sou brasileira”

A2: je suis brésilienne

P: voilà! As duas formas

A1: eu queria enfeitar mais [ri]

P: mas tá ótimo! [inaudível] je suis fière de toi! Estou orgulhosa

Nessa aula, os alunos participavam de um jogo no qual deveriam seguir as instruções de cada espaço do tabuleiro ao parar com sua peça sobre ele. A ALUNA 1 (uma criança de cerca de 10 anos) deve dizer a sua nacionalidade. Ela utiliza o pronome tônico *moi* em vez do possessivo *ma*, mas a professora opta, num primeiro momento, por não corrigir essa construção, chamando atenção apenas para a pronúncia de *brésilienne*. Interpretamos, nesse trecho, que apesar da formulação não ser gramatical, estava atendendo aos objetivos pedagógicos da professora, o que a levou a não corrigir o uso do pronome, mas sim dar ênfase à pronúncia de *brésilienne*, que era o objetivo da “ordem” do jogo. No entanto, uma segunda aluna (adulta) percebeu que havia algo de diferente na construção da frase da aluna 1, e nesse momento interveio para questionar a professora. A professora, então, explica o uso de *ma*, dirigindo-se às duas, mas logo em seguida acrescenta que a construção da aluna 1 estava muito boa. A aluna 1 se justifica, dizendo que queria “enfeitar” a frase, e a professora a elogia novamente. Percebemos, que, ainda que no nível da fala a aluna tenha criado uma sentença com inadequações, o nível das intenções pedagógicas foi satisfeito, pois ela não só construiu de fato uma frase sozinha como também teve a intenção de “enfeitar” a sentença e por isso criou a hipótese de que poderia utilizar o pronome *moi*

Considerações finais

Nossa análises, até o momento, apontam para a importância das intervenções do professor para que o jogo cumpra seus objetivos pedagógicos. Além disso, percebemos que nem sempre o fato de os alunos estarem falando francês significa que o jogo tenha cumprido seus objetivos; por exemplo, quando os alunos apenas repetem frases feitas pelo professor como exemplo de como interagir durante o jogo, será que os objetivos pedagógicos foram atingidos? Cabe ressaltar que a *metassemântica*, como toda análise enunciativa, é sempre limitada e uma interpretação parcial do analista (Bressan 2006).

Referências

- BENVENISTE, Émile. Le jeu comme structure. In.: Langues, cultures, religions. 2015
BRESSAN, Nílvia Thaís Weigert. O deserto da metassemântica esconde tamareiras em flor: o legado translinguístico de Émile Benveniste. Porto Alegre, UFRGS. 2010. 137 p. Tese (Doutoramento em Estudos da Linguagem).
BROUGÈRE, Gilees. Jeu et éducation. Paris: L'Harmattan, 1995.
FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da enunciação. In.: FLORES, Valdir do Nascimento; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; ROMERO, Márcia, Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Pg. 145-173

